



2024

v.10 n.23

No fundo, são misturas: misturam-se pessoas e sentimentos. Ensaios fotoetnográficos com lógicas de reciprocidades

Cornelia Eckert¹

chicaeckert@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2815-7064>

<http://lattes.cnpq.br/7446126566413577>

Fernanda Chemale²

nandachemale@cpovo.net

1 - Professora Titular aposentada e atualmente docente convidada do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Linhas de pesquisa antropologia visual e imagem, antropologia urbana, antropologia e meio ambiente. Coordenadora do BIEV portal www.biev.ufrgs.br e do Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL). É pesquisadora do NUPECS (PPGAS UFRGS) do CEPED (UFRGS). Edita a Revista Eletrônica Iluminuras, a revista Fotocronografia e participa da Comissão Editorial da Revista Horizontes Antropológicos.

2 - Fernanda Chemale é fotógrafa independente e artista visual. Trabalha com fotografia desde o final dos anos 80 é graduada em Comunicação Social pela FAMECOS, PUCRS. Graduada em Comunicação Social pela FAMECOS, PUC, é autora dos livros Tempo de Rock e Luz, ElefanteCidadeSerpente, Desordem. Coordenou as oficinas de fotografia do Projeto de Descentralização da Cultura da Prefeitura de Porto Alegre.

No fundo, são misturas. Misturam-se as almas nas coisas; misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e é assim que as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca.
Marcel Mauss

Uma antropóloga e uma fotógrafa se misturaram, neste número, com a preciosa colaboração dos editores Felipe Rodrigues e Fabrício Fuchs para congregar colaborações de ensaios fotográficos em torno do desafio que nominamos de Miscelâneas. Isto implica dizer, liberdade de misturar, razões para trocar e intensificar as reciprocidades, além de promover formas criativas de expressão estética no suporte fotográfico ou simplesmente desafiar ao/a fotógrafo/a a tirar da gaveta aquelas fotos ainda não publicadas por ausência de editais temáticos convergentes, mas respondendo ao desafio temático desta chamada.

O antropólogo francês Marcel Mauss, que fundou os estudos de antropologia simbólica no início do século XX, trabalha, em sua obra intitulada *Ensaio sobre a Dádiva*, as obrigações de reciprocidade nas sociedades tradicionais. Em especial no capítulo II intitulado “Extensão desse sistema: liberalidade, honra, moeda” aborda as regras de generosidade observadas por pesquisadores em antropologia do final do século XIX e início do século XX, trata do sistema de trocas nas festas e feiras que “servem para trocas voluntárias-e-obrigatórias” (Mauss, 1974, p. 70). O valor da troca, antes de tudo, contém honra e prestígio e é antes de tudo moral. Radcliffe Brown, por exemplo (citado por Mauss p. 70), observou que em muitos rituais de reencontro, há efusivas manifestações de emoções, abraços, lágrimas e claro, troca de presentes. Considera o autor citado que “se misturam aí, sentimentos e pessoas” (Idem, p. 70). Neste jogo de dar, receber e retribuir, misturam-se as coisas e as almas em uma força inconsciente que nosso mestre propõe ao analisar o ritual do Kula na Melanésia considerando as relações de reciprocidade como práticas desinteressadas e obrigatórias e, ao mesmo tempo, exprimindo qualidades mítica, imaginária, simbólica e coletivas. Relações estas com poderes mágicos que na língua nativa pode ser nominado pela categoria hau. A mistura sempre foi tema importante da antropologia simbólica e, foi lembrando desta motivação que carrega conceitos como de magia, honra e reciprocidade, que pensamos neste número do Fotocronografias, misturar os temas, as motivações e as ações criativas.

Uma miscelânea de narrativas com fotografias anima igualmente as subversões de fronteiras disciplinares. A própria fotografia foi fundada e divulgada no encontro do conhecimento interdisciplinar. A mistura de áreas de conhecimento ou de temas é sempre carregada de encantamentos e diálogos sócio-culturais.

O resultado foi surpreendente para nós acostumadas com o mundo das imagens. Além do grande número de propostas e, em consequência, a dificuldade de acomodar todas as demandas, selecionamos trabalhos que acabaram se agrupando por temas gravitando em torno de conceitos comuns ou de estéticas convergentes. Não sem antes agradecer aos/as autores/autoras que responderam ao nosso desafio de misturarem-se.

O primeiro grupo de trabalhos poderia bem ser um capítulo de uma tese sobre a noção de pessoa moderna de Marcel Mauss ou Louis Dumont entre outros tantos autores que trouxeram a perspectiva da construção da figura humana na modernidade como mote de reflexão. Os retratos, que emergem junto com a técnica fotográfica moderna do século XX, predomina nos primeiros trabalhos selecionados por revelarem biografias, trajetórias, narrativas de pessoas em suas singularidades e práticas sociais. No âmbito deste gênero, há um grupo de ensaios que promovem a construção do personagem, colocando a pessoa fotografada como narrador de uma memória vivida ou divulgando o personagem a partir de contextos de sociabilidade e convívio público.

Estão neste grupo os ensaios que valorizam o tema da pessoa moderna e a este grupo pertence o trabalho de Andrea Eichenberger intitulado *Percursos, Residência Les sources* que resulta de uma oficina de fotografia com pessoas imigrantes em Paris na França que se deslocam pela cidade. Andrea os capta no formato do retrato valorizando o tema da construção social da pessoa. O ensaio de Maria Carmencita Job, *Não saio mais daqui nem mesmo morta*,

é o segundo artigo com esta identidade de trazer a biografia de Nonô, citando seus gestos e práticas cotidianas de convivência em meio rururbano, destacando a relação em um ambiente ecologizado.

Na sequência temos o ensaio de Solange Murta Barros e Olavo Ramalho Marques com o título *Raízes ancestrais: revisitando os ritos pré-nupciais da década de 30*. Agora trata-se de uma visita a um acervo familiar dando destaque para os rituais pré-nupciais que colocam em relevo o ethos de um grupo social, pertencente a camadas médias em contexto citadino. O próximo ensaio tem por origem um exercício fílmico gravando Walter Mello Ferreira, o senhor Pingo Borel em Porto Alegre, conhecido personagem na comunidade batuqueira. As fotografias realizam uma sequência de tomadas da produção do Ilu, objeto relacionado a cosmologia do Batuque.

O ensaio de Luiz Toledo traz uma experiência de testemunho do acompanhamento do autor do cortejo do velório do jogador de futebol Pelé, trajeto realizado em Santos (SP) até o entorno do estádio onde foi velado.

Mais um trabalho se aproxima do tema da construção da pessoa em *O presépio de D/ Ramón*. Trata-se do ensaio-montagem de Fernando de Tacca. O personagem é Dramon originário da Costa do Marfim, o contexto é Madrid (Espanha). A história do imigrante se revela na interação com o fotógrafo-antropólogo que o visita no seu habitat, embaixo de uma ponte que o autor situa historicamente. O inusitado é a arte criada por Dramon em meio ao drama para sobreviver, captado nas lentes do fotógrafo que nos apresenta na estética de uma montagem.

Operamos agora uma guinada temática adentrando estudos etnográficos mais densos como o de Sebastian Galvaliz. *Vasos de arena nos riegan la garganta, la ponzoña que tomamos es el agua que nos queda*. O cenário agora é a província del Chaco na Argentina, e o tema é as condições de vida de seus habitantes em suas carências de água, por exemplo, e as estratégias para aceder à água potável em meio a uma precariedade habitacional. As pessoas são retratadas em suas forças de resistência a estas condições.

Com Nilmar Lage em *Sim Sinhô*, as pessoas são captadas agora em seus perfis, corpos e gestos dos quilombolas em Ausente, no vale do Jequitinhonha, denominado pelo autor de vale da miséria. A labuta diária, a rotina nos espaços vividos recebe o tom da dignidade e riqueza das práticas sociais, captadas pelo autor em parceria com interlocutores.

Também as pessoas são retratadas no ensaio de Eliane Coster em *Imagens de percurso: o olhar dos catadores-fotógrafos por meio da câmera de orifício*. Este artigo deriva para uma visibilidade do viver urbano captada pelo olhar de quem carece de visibilidade. Uma cidade que é vista por catadores oficineiros que fotografam com câmera de orifício orientadas pela fotógrafa pesquisadora.

A cidade emerge igualmente na mirada de John Wedson S. da Silva *Decodificação do escrito: Pichando a Capital, que fotografa o picho em Teresina*, trazendo uma reflexão sobre a arte rupestre em contexto piauiense na Cerra da Capivara e como esta arte persiste nos traços

de pichação na arte urbana fotografada. O tema do urbano ou da paisagem urbana em amplo sentido embalam mais ensaios que configuram o segundo grupo de colaborações que identificamos. O ensaio de Flávio Leonel da Silveira intitulado *Seguindo bugios-ruivos nas paisagens citadinas do bairro do Lami, Porto Alegre: etnografia visual das relações humanimais na urbe*, propõe uma ecoantropologia urbana considerando as complexas relações interespecies mantidas entre moradores locais e os bugios-ruivos. As fotos desta etnografia trazem um ambiente pouco conhecido do portoalegrense comum mas, por outro lado, revela a interessante relação humanimais no bairro Lami.

Ainda em Porto Alegre, podemos conhecer uma outra realidade instigante e crítica no trabalho Memória, patrimônio e imagem no processo de extinção da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul de Diogo Dubiela. Com fotos suas e de acervos, podemos conhecer a situação trágica que a pesquisa e patrimônio zoobotânico enfrenta na capital do Estado. Situada no Jardim Botânico da cidade, o autor interpreta à luz da relação entre memória, patrimônio, negociação e conflito.

Na sequência trazemos o ensaio de Luciano Magnus de Araújo com o título *Instantâneos soteropolitanos: pessoas, momentos, cidade*. Mais uma vez a cidade é cenário do olhar do fotógrafo-antropólogo que traz a paisagem em seus tons, estéticas e modo de viver na capital da Bahia, Salvador. A cidade aparece na sua efemeridade, mas igualmente em sua permanência no tempo do viver urbano.

Mais uma capital, Manaus, no Amazonas, é tema de interesse do olhar atento dos pesquisadores Marcilene dos Santos Pena, João Paulo Costa Braga da Silva e João Victor Pinheiro Pacheco no ensaio nominado *Manaus moderna: habitar com a seca, a fumaça e o lixo*. A paisagem segue como tema, mas a partir de um ponto de mirar crítico e mesmo agonizante como as fotos de lixo, fumaça e seca revelam de uma cidade em seu drama “moderno” da poluição e descuido com a natureza em sua sustentabilidade. A Amazônia idílica de harmonia entre o homem e sua ambiência, aparece cada vez mais dissociada e disformada.

Em contraste, agora em uma cidade interiorana, Picinguaba, a paisagem segue como foco, mas misturada com o tema do trabalho do pescador em seu meio de produção para a pesca que é a jangada. No trabalho intitulado *O Homem e o Mar: Evanescências de Teócritos Abritta*, o cotidiano do trabalho e do objeto valor que é a jangada ganha formas estéticas idílicas como se fosse possível escutar o som do mar límpido nas cores captadas pelo fotógrafo artista, neste jogo de interações entre o homem e o mar.

Ainda no grupo que identificamos como paisagem, trazemos o estudo de Bernardo Américo Batista Tavares e Lara Santos Amorim intitulado *A Imagem como Testemunho: Experiências colaborativas e experimentações visuais em uma coleção imagética sobre atingidos por barragem na Paraíba*. Aqui o tema da paisagem conhece uma guinada crítica e política da maior importância através das imagens sobre habitantes de uma comunidade tradicional de Cajá em Itatubana, Paraíba, atingidos pela construção da barragem Argemiro Dantas entre os anos de 1999 e 2002. São duas coleções apresentadas no formato de diagramas com o objetivo de considerar falas dos habitantes entrevistados pelo método da foto-elicitação. Nesta

espécie de cartografia de lugares e pessoas, se revelam memórias entristecidas pela perda de referência de lugares de pertença, revelando, de forma relacional, a importância de um acervo fotográfico para os habitantes atingido que uma pesquisa pode restituir.

Na passagem deste grupo de sentidos vergamos para um tema caro à antropologia que é o dos rituais, festas tradicionais, religiosas. Mas um ensaio faz a mediação com uma proposta de autoetnografia apresentada com uma estética de montagem e intervenção digital. Trata-se do ensaio de Mari Gemma de La Cruz com performance e autorretrato que busca trazer as inquietações da artista com a envelhecimento, o luto, a aposentadoria etc.

Abrimos o grupo final, como sugeriu Fernanda, com algo mais animado e lúdico trazendo uma perspectiva prazerosa da vida humana da sociabilidade. Do grupo que identificamos com sendo o dos tempos de festa e que trazemos para fechar nossas misturas de temas, de pontos de observação e estilísticas de interpretação, iniciamos com o trabalho de Vitória Gomes Almeida nominado *enfeitando as ruas pós-pandemia: Retomada do ciclo de reis em Juazeiro do Norte, cidade do Ceará* em que o ciclo de reis é retomado em 2021, encantando os foliões e a fotógrafa.

O ensaio de David Adan Teixeira Saénz, testemunha a *festa Aeminpu a partir de uma narrativa imagética*. Trata-se de um evento religioso em uma localidade fronteiriça entre Peru, Brasil e Colômbia, a ‘Terra Prometida’, na Amazônia, tida como o ‘Paraíso na Terra’.

Fechamos nossas trocas e reciprocidades com uma festa com belas imagens do *mastro nos jogos de identidade quilombola no Marajó*. Representações a partir de uma Fotoetnografia dos autores Pedro Vinicius Martins de Souza, Felipe Bandeira Netto, Paulo Henrique Santos dos Santos e Denise Machado Cardoso. A festa que ocorre em Salvaterra, reúne comunidades quilombolas em torno da tradicional celebração que homenageia a ancestralidade e reafirma a ligação das pessoas com a terra, a cultura e o projeto de transmitir estes valores como herança para as gerações futuras.

Fechamos nossas misturas e oferecemos narrativas fotográficas do mundo social, da vida cotidiana, das relações sensíveis e das formas intersubjetivas que colocam em relêvo os espaços praticados e as experiências geracionais de pessoas e coisas e, claro, as criaturas que habitam nossos ecossistemas. Misturam-se pessoas e fotografias, temas e experiências de pesquisar, de fotografar. Propomos narrativas fotográficas como um jogo de reciprocidades, produzindo *mana*, para lembrar mais uma vez nosso mestre Marcel Mauss que estudou esta força do espírito na Melanésia, a força de trocar, de dar e retribuir, de divulgar para circularmos este conhecimento entre todos e todas.

Referências

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia Volume II. São Paulo, E.P.U e EDUSP, 1974.